

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO, Outubro/2010 - Vol. V

O LATIM DA *VULGATA* E DE OUTRAS TRADUÇÕES
BÍBLICAS EM LÍNGUA LATINAMayara Nogueira XAVIER
Orientadora: Profa. Dra. Patricia Prata

RESUMO: Na *Vulgata*, versão latina da *Bíblia Sagrada* compilada por São Jerônimo no século IV d.C., notam-se diferenças linguísticas em relação ao latim clássico. No entanto, tais inovações parecem não ser suficientes para sustentar a tese de que a obra como um todo seja um exemplo de latim vulgar, especialmente se comparada a outras traduções bíblicas em língua latina como a *Itala* e a *Afra*.

Para se chegar à definição do que seja latim vulgar, os critérios histórico e social têm tanta importância quanto o linguístico. Por isso, através da comparação e análise linguística do mesmo trecho bíblico, João 2:15, das três diferentes traduções referidas, este trabalho pretende discutir o latim utilizado por Jerônimo na *Vulgata*. E como consequência desse objetivo, contextualizar historicamente sua obra.

Palavras-chave: Linguística Românica, latim vulgar, latim cristão, *Vulgata*, *Itala/Vetus Latina* e *Afra*

Introdução

As diferenças existentes entre o latim encontrado na *Vulgata* e o latim do período clássico são, sem dúvida, bastante significativas. O título da obra, à primeira vista, leva a supor identificação com o latim vulgar. No entanto, a despeito de seu título, a *Vulgata* não é legitimada como uma boa fonte de estudo para o latim vulgar por nenhum dos manuais de filologia e de linguística românica por nós consultados, como Ilari (1992), Bassetto (2005), Meier (1974), Lausberg (1981), Maurer Jr. (1959), Väänänen (1988c). Por isso, consideraremos que o termo *Vulgata* significa, principalmente, *divulgação*.¹

¹ A idéia inicial que deu origem a este trabalho estava ligada à crença de que o título, *Vulgata*, se relacionasse a *Vulgus/Volgos*, *i*, substantivo cujo significado principal é: “o vulgo, o povo, a multidão.” Porém, o dicionário Saraiva, em sua segunda acepção para o vocábulo *Vulgo/Volgo*, *as*, *are*, traz entre as definições: “dar à luz, publicar (uma obra); espalhar (uma notícia), divulgar, publicar”. (SARAIVA, p.1292).

Contribuí também para o fortalecimento do imaginário do senso comum de que a *Vulgata* teria um caráter mais popular, o relato do sonho de São Jerônimo, popularizado por ter sido registrado em uma carta escrita por ele, a qual foi enviada a uma amiga, Eustáquia. “Conta-se que quando São Jerônimo se preparava para traduzir o Novo Testamento, lhe apareceu em sonho um anjo, que o censurava por ser mais ciceroniano do que cristão” (LEGROSKI, M., 2008, p. 16). Dessa forma, tornou-se célebre a frase: *ciceronianus non est, sed cristianus* (ILARI, 1992, p. 63)

Além disso, a identificação com o latim vulgar também é fruto do fato de que para divulgar determinada obra, faz-se necessário torná-la acessível, e o latim clássico não era acessível ao público que Jerônimo pretendia atingir.

A língua da Igreja Primitiva, e também do *Novo Testamento*, era o grego (*koiné*), variedade conhecida dos judeus convertidos ao cristianismo que moravam em Roma e nas províncias mais próximas. Talvez por isso, enquanto o cristianismo não se tornou a religião oficial de Roma, o que aconteceu somente em 313 com o Édito de Milão, não houve interesse em publicar uma tradução das *Escrituras Sagradas* para a língua latina que fosse endossada pela Igreja.² Recordemos também que o *Antigo Testamento* foi originalmente escrito em hebraico, e, posteriormente, traduzido para o grego, compondo uma versão conhecida como *Septuaginta*³, à qual os primeiros cristãos provavelmente tinham acesso.

Dessa forma, compreendemos que é importante levar em consideração a influência grega e hebraica na tradução ao lidar com as peculiaridades do latim da *Vulgata*, investigando, portanto, se as construções que aparentemente se aproximam do latim vulgar, não se justificam mais pela influência das línguas em que a *Bíblia* foi originalmente escrita (hebraico e grego) do que pelas características propriamente ditas do latim vulgar. Contudo, nosso objetivo é comparar a tradução de Jerônimo com outras traduções em língua latina (*Itala* ou *Vetus Latina* e *Afra*)⁴ que circulavam em sua época.⁵

Desse modo, este artigo está assim dividido: breve introdução ao conceito de latim vulgar, diferenciação entre os termos latim cristão e latim eclesiástico, contextualização das três versões bíblicas utilizadas, comparação entre as traduções, breve descrição do trecho bíblico escolhido, análise dos dados e considerações finais.

I. Latim Vulgar

Os autores em geral afirmam que o conjunto das línguas românicas é a fonte mais segura para o estudo do latim vulgar. É sabido que não há textos escritos só em latim vulgar, por ser essa uma língua essencialmente falada. No entanto, “há traços vulgares, traços de língua falada em determinadas espécies de textos (...)” (SILVANETO, 1957, p. 9).⁶

Os critérios adotados para definição do que seja latim vulgar são de ordem variada. Segundo Martins (1996, p. 14), o termo, apesar de ser muitas vezes impreciso e de sugerir interpretações errôneas, não pode ser facilmente evitado, por estar intimamente ligado aos estudos de Linguística Românica. A confusão se dá em grande parte pelo fato de a palavra “vulgar” permitir acepções distintas.

² A *Vetus Latina* (ou *Itala*) data do século II d. C; ou seja, é anterior à *Vulgata*. No entanto, ela é um conjunto de traduções feitas por diversos autores, os quais não eram suficientemente instruídos a ponto de produzir uma obra com a mesma qualidade linguístico-literária que Jerônimo.

³ A tradução grega para os livros do *Antigo Testamento*, incluindo os deuterocanônicos, ou apócrifos. É também conhecida como *Tradução dos Setenta*. Conta-se que 72 sábios judeus teriam sido responsáveis pela tradução e teriam feito-na cada um, de maneira exatamente igual, sem que houvesse troca de informação entre eles. É importante esclarecer que o grego ao qual nos referimos quando se trata da *Septuaginta* é o da variedade *koiné*.

⁴ A *Itala* ou *Vetus Latina*, conforme já dito, data do século II d.C., quanto à *Afra*, não foi possível obter informações muito relevantes.

⁵ Não temos conhecimento de grego e hebraico para podermos investigar as influências do grego e do hebraico na tradução de Jerônimo.

⁶ Entre os exemplos comumente citados estão: as inscrições parietais (“graffiti”), as *tabellae defixionum* (“plaquinhas de execração”), as inscrições tumulares, a *Appendix Probi*, entre outros.

Ilari (1992), partindo dos possíveis sentidos para o termo “vulgar”, explica os desdobramentos de cada um deles, e escolhe um como o mais apropriado para explicar o que é, em sua opinião, latim vulgar:

a) Vulgar como sinônimo de corriqueiro, banal: de acordo com essa acepção o latim vulgar é a língua que várias camadas da população romana (inclusive a aristocracia) falava e escrevia em situações informais. Esse é um enfoque equivocados, pois, havia um latim coloquial, falado pela aristocracia, e os gramáticos, num ato de conservadorismo, recomendavam que a linguagem da literatura se baseasse nele.

b) Vulgar como sinônimo de reles, baixo: de acordo com essa acepção o latim vulgar é a expressão das camadas populares, as mais humildes da sociedade romana. Parece ser esse, na opinião do autor, o enfoque correto: “(...) o proto-romance foi uma língua vulgar no sentido de língua popular, expressão das camadas sociais que não tiveram acesso à cultura formal e escrita.” (ILARI, 1992, p. 60)

c) Vulgar em associação a vulgarismo: expressões populares, provincianas ou arcaizantes: esse enfoque também não é o mais adequado, pois “uma língua é muito mais do que um catálogo de erros” (*id; ibid.*).

As tentativas de se definir latim vulgar convergem sempre para a questão social. Sabe-se que toda diferenciação linguística é fruto de uma diferenciação primeiramente social.⁷ E é partindo desse pressuposto que desejamos considerar o latim cristão como mais uma das facetas do latim vulgar.

II. Latim Cristão e Latim Eclesiástico

Tendo apresentado o critério que utilizamos para se definir latim vulgar (a questão social) podemos prosseguir com o intuito de traçar um paralelo entre latim vulgar e latim cristão, de modo a tentar aproximá-los.

Blaise (1955) diferencia latim cristão e eclesiástico dizendo que o latim cristão, de maneira mais geral, é o latim dos autores cristãos, enquanto o latim eclesiástico está mais relacionado aos termos da teologia, do direito canônico e à história da liturgia.⁸ Bassetto (2005), afirma que, inicialmente, o latim utilizado pela Igreja estava mais próximo da variedade vulgar, pois em sua maioria, tanto os apóstolos quanto os novos convertidos eram pessoas humildes e incultas. Vejamos como ele define latim cristão:

O latim, adotado pelo cristianismo em substituição ao grego no século II, é denominado ‘latim cristão’, que se caracteriza por aspetos populares, buscando adaptar-se às condições linguísticas dos novos convertidos, em sua maioria provenientes das classes sociais inferiores. Essa característica é perceptível na *Ítala* ou *Vetus Latina*, com seus numerosos plebeísmos (BASSETTO, 2005, p. 173)

⁷ Como nos diz Ilari: “Em suma a grande diferença entre as duas variedades do latim não é cronológica (o latim vulgar não sucede ao latim clássico), nem ligada à escrita, senão social. As duas variedades refletem culturas que conviveram em Roma: de um lado uma sociedade fechada, conservadora e aristocrática, cujo primeiro núcleo seria constituído pelo patriarcado; de outro, a de uma classe social aberta a todas as influências, sempre acrescida de elementos alienígenas, a partir do primitivo núcleo da plebe”. (*id;* p. 61)

⁸ Os autores cristãos a que Blaise se refere são os autores da *Vetus Latina*, e não os Pais da Igreja, esses sim responsáveis por cunhar os termos da teologia, por escrever a história da liturgia etc.

Blaise (1995) mostra que (...) “o latim cristão se caracteriza por sua predileção pelo estilo figurado e, sobretudo pela afetividade mais calorosa de seu vocabulário” (*id*; p. 13).⁹

Bassetto (2005) afirma que nos campos morfológico e sintático o latim cristão não se distingue do latim vulgar, e ressalta a influência grega presente no primeiro, exemplificando a partir dos numerosos empréstimos de termos gregos ao vocabulário cristão¹⁰. E ainda destaca a mudança de significado de algumas palavras latinas, que se tornaram mais específicas para expressarem realidades do novo contexto religioso, o cristianismo. Ex: *peccare* deixou de significar apenas ‘tropeçar’, passou a significar ‘pecar’, ‘transgredir a lei de Deus’; e *fides*, agora dizia respeito à fé religiosa e não mais à fidelidade em sentido geral.

A partir do século IV, através de escritos dos padres e doutores da Igreja, o latim cristão teria se aproximado da norma literária, ainda que mantivesse pontos de contato com a língua do povo. Esse latim de caráter mais erudito, mais próximo do clássico, Bassetto (2005) também denomina latim eclesiástico, como o faz Blaise (1995), conforme visto anteriormente. E, a respeito desse latim, Bassetto comenta:

Caracteriza-se como herdeiro do literário no que ele tinha de mais útil ou necessário para expressão da nova mentalidade cristã, com fonética e estrutura um tanto diversa da língua literária antiga, além de enriquecido pela contribuição grega e popular. Adotado pela Igreja em substituição ao grego desde os fins do século II, sob o papa Vitor I, esse latim é a língua do culto, das escolas, da teologia, da filosofia, do direito, da ciência e da literatura até a Renascença, ainda que passe a sofrer concorrência das línguas Românicas nos últimos séculos. (*id*; p. 172)

Se atentarmos às definições de Blaise e Bassetto para latim cristão e eclesiástico, perceberemos que enquanto o latim cristão é o “latim dos autores cristãos”, o latim eclesiástico “está mais relacionado aos termos da teologia, do direito canônico e à história da liturgia”; enquanto o latim eclesiástico é “adotado pela Igreja”, o latim cristão é “adotado pelo cristianismo”. Sendo assim, verifica-se que a diferença entre essas variedades é social, assim como a diferença entre o latim vulgar e o latim clássico (o que se reflete obviamente na língua utilizada por cada uma).¹¹

⁹ “(...) en montrant que le latin chrétien se caractérise par sa prédilection pour le style figure e surtout par l’affectivité plus chaleureuse de son vocabulaire”.

¹⁰ Entre os exemplos estão: *anathema, angelus, apostata, apostolus, baptismus, baptizo, catechumenus, charisma, diaconus, ecclesia, episcopus, martyr, neophytus, presbyter*, entre outros.

¹¹ Contribui ainda para o estabelecimento de um paralelo entre latim cristão e vulgar, bem como, entre latim eclesiástico e clássico, a citação de Morhmann (1995), *apud* Martins (1996). “(...) o latim cristão propriamente dito é representado por duas variantes: a popular e a erudita. Essas duas variedades são tipicamente representadas de um lado pela *Vetus Latina*, ou seja, as traduções da Bíblia que pertencem ao século II d. C. que, por terem sido feitas por pessoas de pouca instruções e de diversas partes do império, oferecem valiosas contribuições das diferenciações regionais da língua falada. De outro lado está a variedade eclesiástica, semelhante ao latim clássico, representada pelos doutores da Igreja como São Jerônimo, Agostinho, Santo Anselmo, entre outros”. (*id*; p.18) Embora a autora não utilize os termos latim cristão e latim eclesiástico, como fazem Blaise e Basstto, há o reconhecimento da existência de duas variedades de latim cristão, uma popular e outra erudita (que ela denomina eclesiástica).

Ainda a respeito das variedades cristã e eclesiástica, Bassetto explica que surgiram como consequência do aumento numérico da comunidade cristã e se diferenciaram à medida que essa comunidade tornou-se mais complexa.¹²

Sendo assim, a hipótese que norteia nossas reflexões a respeito do latim da *Vulgata*, considera-a como representante da variedade eclesiástica, e enxerga nas outras traduções latinas (*Itala* ou *Vetus Latina* e *Afra*) a variedade cristã.

III. A *Bíblia Sagrada* e suas versões em língua latina: comparação entre as traduções, descrição e breve análise linguística

De acordo com Plater & White (1926), a *Vulgata* é na realidade um trabalho de composição, que levou cerca de 15 anos para ser concluído. Jerônimo recorreu aos originais hebraicos, à *Septuaginta* e também à *Vetus Latina*, em alguns momentos traduzindo e em outros apenas revisando e corrigindo.

Em relação aos Evangelhos, Plater & White (1926) afirmam que eles foram revisados, e parcialmente corrigidos da *Vetus Latina*, tendo como base para o confronto, o mais antigo manuscrito grego disponível¹³:

Escolheu-se o trecho de **João 2:15** por fazer parte do *Novo Testamento*, tradução de Jerônimo considerada mais vulgar quando comparada ao *Antigo Testamento*¹⁴ e termos encontrado o mesmo trecho, nas três diferentes versões. O dado analisado consta da obra de Väänänen (1988c).¹⁵

Apresentamos o versículo em suas três versões (*Vulgata*, *Itala* e *Afra*), chamando a atenção para as diferenças sintáticas, lexicais e ortográfico-fonéticas.

¹² “Quando a comunidade cristã aumentou, foi necessário adequar os textos à língua que a maioria conhecia, o latim vulgar. Surgiram assim várias traduções da Bíblia, em linguagem adaptada aos destinatários, cristãos latinos incultos. As primeiras datam da segunda metade do século II, com muitos vulgarismos, induzidos, até certo ponto, pela “koiné” do original grego. Note-se que não se trata de traduções em latim vulgar, mas que procura aproximar-se da fala corrente. Mais tarde surgiu o latim eclesiástico, de caráter culto, dos chamados Padres da Igreja, que não deve ser confundido com o latim cristão antigo, encontrado nessas traduções bíblicas”. (BASSETTO, 2005, p. 125).

¹³ cf. (PLATER & WHITE, 1926, p. 6)

¹⁴ O *Novo Testamento* é considerado mais vulgar primeiramente por ter sido traduzido levando-se em consideração as versões anteriores, como a *Vetus Latina*, por exemplo. Diferentemente do *Antigo Testamento*, traduzido diretamente do hebraico. Há ainda a tradição, que nos conta a respeito do sonho que Jerônimo teria tido quando se preparava para traduzir o *Novo Testamento*. “Evidentemente, essa tradição reflete uma orientação da Igreja no sentido de aproximar sua linguagem da do povo (...)”. (ILARI, 1992, p. 63)

¹⁵ Refiro-me ao livro *Introduccion al latin vulgar*, uma espécie de manual do latim vulgar que traz uma série de fontes de latim vulgar, dentre as quais consta um trecho de João 2:13 ao 25, nas versões da *Vulgata*, da *Itala* e da *Afra*.

<i>Vulgata</i>	<i>Itala</i>	<i>Afra</i>
Et cum fecisset	Et fecit	Et fecit
quasi flagellum	quasi flagellum	quasi fragellum Iesus
de funicullis,	de restibus	de resticulis
omnes eiecit de templo,	et omnes eiecit de templo	et eiciebat omnes de templo
oves quoque et boves,	oves quoque et boves,	qui vobes et oves vindebat,
et nummulariorum effudit aes	et nummulariorum effudit aes	et nummulariorum
et mensas subvertit	et mensas eorum everti	subvertit mensas.

Sintaxe

No início do versículo, a *Vulgata* traz a construção *cum* + mais-que-perfeito do subjuntivo (narrativo histórico), *cum fecisset*, enquanto a *Afra* e *Itala* utilizam o perfeito do modo indicativo, *fecit* e conecta as orações com a conjunção coordenativa aditiva *et* (“e”). A respeito da construção encontrada na *Vulgata*, temos a seguinte descrição gramatical:

A conjunção temporal **cum** rege o conjuntivo, quando tem caráter essencialmente narrativo, i. e., quando introduz a narração de fatos ou de circunstâncias acessórias e concomitantes do fato principal, querendo indicar com isso não tanto o tempo, mas as circunstâncias que acompanham o fato principal, a sucessão dos acontecimentos e o nexa histórico dos mesmos. (LIPPARINI, 1961, p. 234)

Observa-se que a oração subordinada utilizada por Jerônimo nesta passagem é comum em latim clássico e que está plenamente de acordo com suas normas. Por outro lado, se observarmos o que diz Maurer (1959, p. 215) em relação às orações subordinadas, veremos que os modos de narrar presentes na *Itala* e na *Afra* adequam-se ao que é esperado para o latim vulgar:

A subordinação como processo normal da construção do período era bem mais pobre do que na língua clássica, onde uma longa elaboração cultural e literária tinha criado recursos variados e ricos na construção de um período complexo e elegante. A língua vulgar como em geral os dialetos de caráter popular, usava antes a parataxe do que a hipotaxe, isto é, justapunha as orações umas às outras, exigindo por parte do ouvinte uma interpretação das relações existentes entre elas.

Esta coordenação de orações, tão característica das línguas românicas em sua fase mais antiga, representava evidentemente uma herança do latim vulgar. Note-se o seguinte pequeno trecho do *Livro de Linhagens*: “A az de curral he redonda como moo e sa natura he de defender os que lá estam... e é feita d’asperooes chantaados...e teem os esperoes ferros...; estam os ferros contra os que querem entrar...e o corral he aborbotado d’escudos... . Este ordinhamento fazem os cavaleiros...” (em Adolfo Coelho, questões da *Ling. Port.*, II, pág. 233).

Fica claro que a construção da *Vulgata* recorre à hipotaxe (subordinação), enquanto a da *Itala* e da *Afra* à parataxe (coordenação). E chama a atenção, na *Itala* e na *Afra*, a utilização da partícula de adição *et* (“e”), para ligar as duas primeiras orações do versículo, o que é semelhante ao exemplo trazido por Maurer.

Observamos também o acréscimo na *Itala* do pronome *eorum* para se referir aos *nummularios* (“os cambistas”) a quem pertenciam as mesas. No entanto, o referente está bastante próximo, e o sentido não fica prejudicado sem o acréscimo desse pronome. Percebe-se certo exagero na explicitação de termos que poderiam ser facilmente subentendidos. Vejamos uma hipótese de tradução, comparando e diferenciando os trechos analisados:

Vulgata - *et nummulariorum effudit aes et mensas subvertit* [“e derrubou o cobre dos cambistas e virou as mesas]

Itala - *et nummulariorum effudit aes et mensas eorum evertit* [“e derrubou o cobre dos cambistas e virou as mesas **deles**]

Afra - *et nummulariorum subvertit mensas* [“e pôs abaixo as mesas dos cambistas”]¹⁶

Na versão da *Vulgata*, o possuidor das mesas fica subentendido (“os cambistas”), uma vez que é clara a associação; na *Afra* não consta *effudit aes*. Mas, na *Itala*, deixa-se **bem claro**, pelo acréscimo de *eorum*, que as mesas derrubadas eram dos cambistas. Ressaltamos que o latim clássico não costumava explicitar complementos, a não ser que fossem extremamente necessários para a compreensão. Essa é uma característica de latim vulgar, devido à tendência à analiticidade.

Quanto à ordem dos constituintes das orações, podemos dizer que nas versões da *Vulgata* e *Itala* aparece a ordem canônica do latim clássico (S)OV, *omnes eiecit de templo*; na da *Afra*, a ordem é a mesma que se tornará banal nas línguas românicas (S)VO. *et eiciebat omnes de templo*. Mas em ambas o sujeito *Iesus* (“Jesus”) não está expresso.

Léxico

As versões da *Itala* e da *Afra* utilizam o termo *restis*, mas na *Afra*, a palavra aparece no diminutivo, *resticulis*, reforçando o caráter vulgar,¹⁷ enquanto na *Vulgata* o termo é *funis*. Em consulta aos dicionários *A Latin Dictionary* (Lewis and Short, 1996) e *Dictionnaire latim-français des auteurs chrétiens* (Blaise, 1954), verificou-se que os termos podem ser considerados sinônimos. Porém, Blaise (*ibid.*) inclui na definição de *funis*, *i* e *funiculis*, *i* a informação de que esses termos pertencem ao vocabulário clássico. A tradução para os termos em questão é “corda”. É interessante observarmos que de *restis*, *i* derivou-se a palavra réstia, uma espécie de corda (cf. Dicionários *Houaiss* e *Caldas Aulete*). Contudo, não podemos deixar de observar que o termo utilizado na *Vulgata*, apesar de pertencer ao vocabulário clássico, está no diminutivo.

¹⁶ traduções nossas

¹⁷ É sabido que a utilização de palavras no diminutivo é uma característica da linguagem vulgar. “O gosto dos diminutivos se revela em toda linguagem familiar latina, mesmo nos escritos menos ataviados de Cícero e de Horácio, aparecendo sobretudo nas obras de cunho popular. (...) A princípio esses diminutivos eram usados no sentido literal, nas expressões carinhosas e sentimentais, ou para designar objetos pequenos e insignificantes. Com o tempo o valor expressivo se desgasta e o derivado acaba por tornar-se sinônimo do primitivo.” (MAURER, 1959, p. 234)

Ortografia/Fonética

Em relação à variação *flagellum* (*Vulgata* e *Itala*)/*fragellum* (*Afra*), temos, no item 77 da *Appendix Probi*: *flagellum non fragellum*, demonstrando que a utilização de *fragellum* era considerada incorreta pelos gramáticos da época. Em português popular, também encontramos exemplos semelhantes: “prástico” por “plástico”, “craro” por “claro”, etc.

Aparece também a variação *boves/vobes*, e, além da variação da consoante (*b/v*), há variação da ordem em que os termos aparecem: *oves quoque et boves* (*Vulgata* e *Itala*), *qui vobes et oves vindebat* (*Afra*).

A forma *uobes* é explicada pela metátese que, segundo Maurer (1959, p. 64), caracteriza o “deslocamento de posição de uma consoante”. No exemplo, temos a troca de duas consoantes, *b* e *v*, que alternam suas posições na palavra. Entre os seus exemplos de metátese, Maurer traz “**padule por palude*” (a troca de posição entre *d* e *l*). Porém, ressalva-se que essa alteração é menos comum. Desse modo, o exemplo trazido por Maurer é semelhante ao fenômeno observado na *Afra*.

É preciso considerar também, que *b* e *v* eram frequentemente confundidos no latim vulgar, sendo numerosos os exemplos encontrados na *Appendix Probi*, atestando tal confusão: n. 9 - *baculus non vaculus*; n. 93 - *tabis non tavi*; n. 198 - *toleravillis non tolerabilis*; n. 215 - *vapulo non baplo*. Maurer (1959 p. 33) também comenta sobre essa confusão, quando descreve a labial sonora *b*:

Neste tratamento de -b- os documentos latinos estão de acordo com o testemunho das línguas românicas, indicando o uso de *v* por *b*, pelo menos desde o século II, e também de *b* por *v*, o que evidencia igualdade de pronúncia das duas letras. (...) Grandgent sugere que a confusão de *b* e *v* em posição inicial seja sobretudo exclusivamente gráfica, determinada pela identidade fonética das duas letras em posição intervocálica.

O reflexo disso como um vulgarismo persiste até os dias de hoje, haja vista alguns exemplos encontrados no português popular como “bassoura” por “vassoura”, “assobio” por “assovio”. Nesse caso, a grafia do vocábulo na *Afra* denuncia um vulgarismo (seja pelo “erro” de ortografia, seja por apontar para uma pronúncia do latim vulgar). Há também, na *Afra*, a variação *vindebat*, quando a *Vulgata* e a *Vetus* trazem *vendebant*. A respeito da qual Williams atesta:

A freqüente modificação do *e* em *i* em documentos do latim medieval (cf. MT, 31-33), (...) é puramente ortográfica e provavelmente decorre da confusão entre as duas letras, por causa da impressão de que ambas representavam um mesmo som. A modificação do *o* em *u* decorre da mesma causa. (1994, p.17)

A ideia de que essa variação seja apenas ortográfica é corroborada pela observação do versículo antecedente ao que está sendo analisado¹⁸, em que encontramos a palavra *vendentes*, grafada com “e”, na versão *Afra*.¹⁹

¹⁸ “Et inuenit in templo eos, qui **vendebant** et emebant vobes et oves et columbas et nummularios sedentes ad mensas.”(João 2 :14 – versão *Afra*)

¹⁹ No entanto, a ortografia pode denunciar alguma semelhança fonética, talvez a explicação de Williams seja muito simplista.

IV. Considerações Finais

Como já dissemos, tendemos a acreditar que o título da obra, *Vulgata*, diz respeito à intenção de tornar oficial (atestada pela Igreja) uma determinada tradução da *Bíblia Sagrada*, e não ao fato de essa versão ser popular (no sentido de facilitada ou incorreta).

A *Vulgata* foi concebida com o intuito de ser uma tradução padrão das *Escrituras Sagradas*, e, por muito tempo, foi o texto utilizado nas traduções da *Bíblia* para as línguas românicas. Ela é “tradução destinada a ‘recuperar’ a *verdade hebraica* e suprimir outras versões latinas, tornando-se ela própria, a *Bíblia Sacrae* da Igreja Romana”. (PINTO, 2008, p. 103).

Podemos pensar que a obra concebida por Jerônimo funciona como um elo de ligação entre o início do cristianismo e sua posterior incorporação pelo Império Romano. Ao mesmo tempo em que a linguagem da *Vulgata* não poderia perder completamente o vínculo com o latim popular, precisava possuir algum apelo para os cristãos que pertenciam a meios sociais mais privilegiados e que começavam a aderir à nova religião.

Referências Bibliográficas

- BASSETTO, B. F. (2005) *Elementos de filologia românica*. 2. ed. São Paulo: EDUSP.
- BLAISE, A. (c1954) *Dictionnaire latin-français des auteurs chrétiens*. Paris: Libr. de Meridiens.
_____.(1955c) *Manuel du latin chrétien*. Strasbourg : Latin Chretien.
- ILARI, R. (1992) *Linguística românica*. São Paulo: Ática.
- LAUSBERG, H. (1981) *Linguística românica*. 2. ed. Lisboa: Fundação Gulbenkian.
- LEWIS C. T & SHORT C. (1996). *A LATIN dictionary: founded on Andrews' edition of Freund's Latin dictionary*. Oxford: Clarendon.
- LIPPARINI, G. (1961) *Sintaxe Latina*. Tradução de Pe Alípio R. Santiago de oliveira. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.
- MARTINS, M. C. da S. (1996) *Os locativos na Peregrinatio Aetheriae*. 139 f. Dissertação (Mestre) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas.
- MAURER JR, T. H. (1959) *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica.
_____.(1962) *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- MEIER, H. (1962) *Ensaio de filologia românica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Grifo.
- PINTO, L. C. G. (2008) *O Cristianismo e as questões de Linguagem*. In: *Do que se confia às letras: A ciência gramatical nas etimologias de Isidoro de Sevilha*”. Dissertação (Mestre) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas.
- PLATER, W. E. & WHITE, H. J. (1926) *A Grammar of the Vulgate* Oxford: Clarendon Press.
- VÄÄNÄNEN, V. (1988 c) *Introducción al latín vulgar*. 3. ed. rev. y corr. Madrid: Gredos.
- SILVA NETO, S. da (1957) *Historia do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- WILLIAMS, E. B. (1994) *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.